



CORPO DE DELITO

Empowerment, lost in translation

Para um verdadeiro empowerment não é preciso querer matar o pai ou a mãe, mas a boa alternativa a um complexo de Édipo ou de Electra não é querer ser sempre e só filho(a)



Rui Patrício

Não é de agora a importância do empowerment, e os gurus da gestão – que parecem oráculos porque sistematizam o senso comum, como se fosse um saber só seu – não se cansam de o enfatizar. E é bom que o façam, porque o empowerment é importante e porque (como dizia Orwell) às vezes é preciso esforço para ver o óbvio. Prova disso é a dificuldade que nós (como outros), na nossa cultura meridional, temos com a tradução da palavra inglesa. Já pouco se traduz empowerment por delegação, mas ainda se traduz por descentralização, desconcentração ou “dar poder”. Mas empowerment não é bem isso, e é muito mais do que isso, se bem percebo o que quer dizer quem sabe acerca das relações de poder e dos processos saudáveis e frutíferos de renovação, sucção e reforço das instituições. Precisamos, como de pão para a boca, de ter isso em conta e de que na tradução não se perca o que de essencial existe na ideia de empowerment.

E o essencial não é “dar poder”. Isso

pode até ser a subversão da ideia, porque assenta na convicção de que o que deve acontecer é que quem tem o poder o dê ou passe a outros – se, quando e como quiser. Mas não deve ser assim, nem isso é saudável ou frutífero. O movimento não deve ser no sentido de dar, mas sim no sentido de não entrar, não dificultar ou não atrasar; deve ser no sentido de aceitar ou querer ser desafiado, questionado, testado; no sentido de perceber e de praticar que o poder é precário e que precisa de constante legitimação. E só assim será forte, verdadeiro e eficaz. Mais difícil do que conquistar o poder é mantê-lo e fazer dele um instrumento de serviço e de realizações. E é também por isso que a renovação e a sucessão (que devem estar sempre em pre-

paração) só serão cuidadas e acertadas – para os interesses das instituições – se os caminhos que se trilharem forem orientados pelas qualidades e pelos defeitos dos que se apresentam para vir a ter o poder, e não pelos interesses, pelos receios ou pelas ambições dos que já o têm. Acreditar e praticar o empowerment significa não ter medo de arriscar, significa estar atento aos defeitos (que se agudizam quando se tem poder), significa querer ser e saber ser, mais do que sucedido, substituído. E significa, também, combater a hùbris, a arrogância trágica de julgar que se sabe sempre e para sempre, de julgar que quem vem depois não é mais do que clone ou, pior, ajudante de quem está. No fundo, trata-se essencialmente de um problema de ângulo de visão. Pode-se olhar para trás, por cima do ombro, para o lado, para diante mas de esguelha ou só para diante. O empowerment implica esta última forma de olhar, não dispensa as outras, mas essa é a principal. E isso tem que ser compreendido pelos que têm o poder e por aqueles que o querem, e a incompreensão destes é mais grave do que a daqueles. Para um verdadeiro empowerment não é preciso querer matar o pai ou a mãe, mas a boa alternativa a um complexo de Édipo ou de Electra não é querer ser sempre e só filho(a).

**Acreditar e praticar o
empowerment significa
não ter medo de
arriscar, significa estar
atento aos defeitos**

*Advogado
Escreve quinzenalmente ao sábado*